

Ausência de equipamentos modernos e de profissionais

Viagem em busca da cura

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

Acabeça treinada para lidar com números, organizar redes de computadores e gerenciar sistemas teve que enfrentar um desafio infinitamente maior. O analista de informática Juvenal Pereira Lima Filho, 53 anos, descobriu um tumor cerebral em maio do ano passado. O câncer raro e delicado se instalou no lado direito do cérebro, começou a causar dores de cabeça insuportáveis e alterações de comportamento. O diagnóstico assustador desestruturou a família, que precisou buscar tratamento com rapidez.

A cirurgia de remoção do tumor foi realizada em um hospital particular de Brasília três semanas depois. Mas para acabar de vez com o câncer, Juvenal teve que buscar atendimento em São Paulo. Nenhum hospital da capital federal tem o equipamento de radiocirurgia, necessário para curar vários tipos de tumor como o que atinge o cérebro.

Assim como Juvenal, outros pacientes que lutam contra o câncer partem da cidade em busca de tratamento eficiente e de qualidade. São pessoas fragilizadas pela doença que deixam para trás a casa e a família para enfrentar dolorosas sessões de radioterapia em Goiânia, São Paulo, Rio de Janeiro, ou até em cidades menores como Anápolis, Barretos e Uberaba. "Fiquei quatro meses em São Paulo, enfrentando os engarrafamentos e o estresse da cidade para conseguir terminar o tratamento. E o pior, longe da minha casa, dos filhos e dos netos", conta Juvenal, ao lado da mulher, Maria Aparecida, hoje curado depois das sessões realizadas na capital paulista.

Rede precária

Em Brasília, não há nenhum hospital ou centro especializado no tratamento de câncer. Além disso, só existem dois aparelhos de radioterapia em funcionamento, um na rede particular e outro na rede pública. Com o número reduzido de opções, até mesmo pacientes que têm plano de saúde ou dinheiro para arcar com as despesas preferem sair da cidade. Com o aumento da demanda, os dois equipamentos da capital vivem sobrecarregados e, por isso, constantemente quebram ou param para manutenção. Para piorar o cenário dos doentes de câncer, as máquinas disponíveis não estão entre as mais modernas do mercado e faltam aparelhos especializados no tratamento de alguns tipos de tumores mais delicados.

No ano passado, 5.690 casos de câncer foram diagnosticados no Distrito Federal. Do total de pacientes com a doença, cerca de 60% são encaminhados à radioterapia. Isso quer dizer que pelo menos 3,4 mil brasilienses precisaram do tratamento em 2006. A grande maioria - 76% - buscou alento para a doença na rede pública. Os outros pacientes recorrem à rede particular da capital federal. E sempre que podem, fazem as sessões de radioterapia em outros estados.

Sair de Brasília em busca de tratamento de qualidade também foi a opção da aposentada Heloísa Helena Leali, 63 anos, que descobriu um tumor na mama esquerda em maio do ano passado. O câncer já estava tomando parte do braço e ameaçava sua vida. Alguns meses depois, veio a cirurgia para a retirada



das células cancerosas e as sessões de quimioterapia, realizadas em Brasília. A casa grande e espaçosa no Setor Grande Colorado ficava cheia de netos e filhos, que vinham dar apoio e alegria durante o tratamento.

Ao final da quimioterapia, o médico recomendou 29 sessões de radioterapia. Heloísa Helena tinha ouvido depoimentos de outros pacientes que tiveram que enfrentar fila e esperar pelo tratamento durante meses na capital federal. E decidiu que não iria passar por isso. Arrumou as malas com o marido e alugou um apart-hotel em Goiânia para fazer radioterapia no Centro Brasileiro de Radioterapia, Oncologia e Mastologia (Cebrom). "Não tinha condições físicas e psicológicas de me estressar com fila e problemas de atendimento e nem pensei na hipótese de fazer as sessões aqui em Brasília. Além disso, me disseram que os equipamentos daqui são ultrapassados", conta a aposentada.

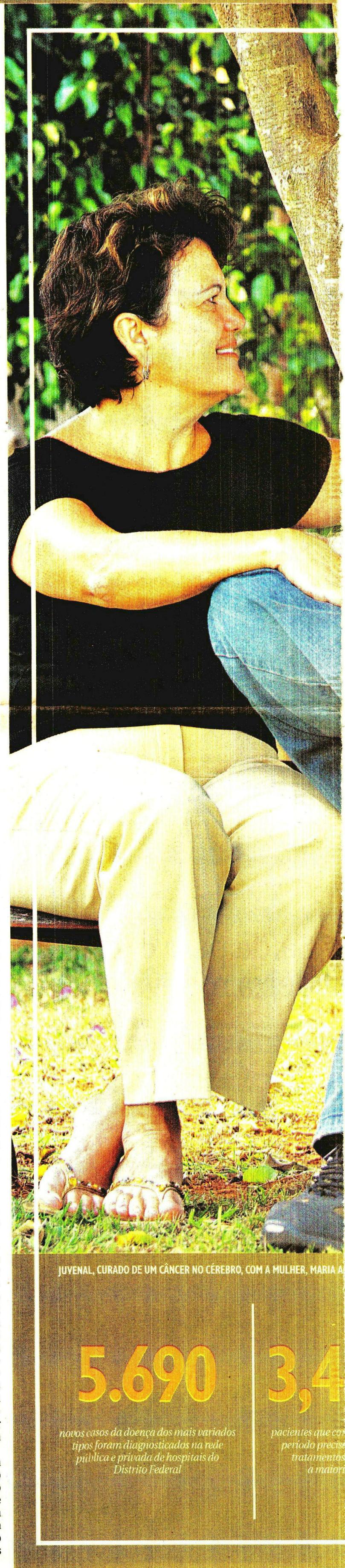
A decisão foi difícil. Todos os dias, depois de três horas exposta à radiação na unidade de radioterapia, ela não podia ir para casa e receber o apoio carinhoso da família. Encarava a impessoalidade e o vazio de um quarto de hotel. "Fiquei longe dos filhos, dos netos, da família. Foi muito doloroso. Todo esse transtorno seria evitado se Brasília tivesse um hospital especializado no tratamento de câncer", lamenta. "Infelizmente precisamos buscar apoio fora da cidade, onde existem profissionais treinados e equipamentos modernos", reclama a paciente, que ainda faz quimioterapia para evitar o reaparecimento da doença.

Fora daqui

Médicos especialistas em tratamento de câncer confirmam o êxodo de seus pacientes rumo a outros centros urbanos. "A demanda pelo tratamento em Brasília é muito maior do que a oferta. Além das filas, os equipamentos disponíveis em Brasília não são modelos modernos. Temos uma grande necessidade de mais aparelhos de radioterapia na cidade", explica o oncologista Armando Macedo, presidente regional da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica.

A radioterapeuta Dóris Daher, chefe do Setor de Radioterapia do Hospital Santa Lúcia, explica que a demanda pelo serviço na unidade é grande porque não há nenhum outro aparelho disponível na rede particular. "Temos condições de atender todo mundo, mas alguns pacientes preferem não esperar e procuram tratamento fora de Brasília", explica a especialista. Ela garante que muitas vezes a radioterapia demora porque o tratamento está sendo planejado pela equipe. "O Santa Lúcia tem um sistema de planejamento tridimensional e isso requer várias etapas antes do início do tratamento. Precisamos fazer tomografia e em seguida preparar a radioterapia. Tudo isso é feito na retaguarda, sem a presença do paciente. Por isso o início do tratamento demora um pouco mais", lembra Dóris.

A rede particular deve ganhar mais um aparelho para tratamento do câncer até o final do ano. O serviço de radioterapia do Hospital Anchieta já está em fase final de instalação e tem inauguração prevista para o final deste ano. Para os especialistas em oncologia da cidade, o novo equipamento deve ajudar a reduzir a fila de espera dos pacientes da rede particular.



especializados em cânceres provoca êxodo de pacientes



Gustavo Moreno/Especial para o CB - 9/5/07

Solidão, dor, medo e despesas a mais

Além do transtorno de deixar para trás a família e o lar, quem parte para outra cidade em busca de tratamento ainda precisa gastar com hospedagem e alimentação. Despesas que pesam no bolso dos pacientes. No ano passado, o servidor público aposentado Romão da Silva Miron, 61 anos, foi sozinho para Goiânia, onde fez 50 sessões de radioterapia contra um câncer na próstata. Ele chegou a procurar a rede particular e mesmo a rede pública em Brasília, mas decidiu trocar a espera por um atendimento de qualidade na capital goiana.

Mas para se tratar na cidade, teve que gastar mais de R\$ 3 mil com a hospedagem em um hotel próximo ao hospital. Sem nenhuma companhia, ele saía das sessões e enfrentava a solidão do quarto. Amigos próximos iam a Goiânia nos finais de semana para visitá-lo. "Ninguém procura a doença, ela simplesmente aparece. É um diagnóstico desesperador", conta Romão. "Vivi os mais sofridos e solitários dias da minha vida nesse hotel de Goiânia", relembra com tristeza nos olhos.

Mas ele não se arrepende do desafio enfrentado ao longo do tratamento. "Em Brasília, eu teria que pagar pelo tratamento e usar máquinas velhas. No hospital de Goiânia, meu plano de saúde era aceito. Não gastei nada e tive um acompanhamento de primeiro mundo", explica Romão, que hoje vai à capital vizinha apenas para exames periódicos.

Radioterapia

O oncologista Eduardo Johnson confirma que a maioria dos pacientes prefere buscar centros especializados em outras cidades, que

têm aparelhos mais modernos e eficientes. "Brasília tem bons médicos e a radioterapia aqui é muito boa. Mas a radioterapia precisa de aparelhos de melhor qualidade. Os equipamentos disponíveis têm mais de oito anos de uso e faltam aparelhos como a radiocirurgia", explica o especialista. "Por isso os pacientes têm procurado tratamento fora da cidade", justifica Eduardo Johnson.

Os pacientes sem plano de saúde e sem dinheiro para arcar com as despesas do tratamento precisam recorrer ao aparelho de radioterapia do Hospital de Base, o único da rede pública. Sobrecarregado, o equipamento quebra com frequência. Em uma das paralisações de seu funcionamento, a causa do problema foi um ataque de ratos, que roeram cabos e fios da máquina. Quando o acelerador linear pára por muito tempo, os pacientes são mandados para o Centro Oncológico de Anápolis. No ano passado, 20 pessoas com câncer tiveram que sair de Brasília e ir para a cidade goiana. "Se tivéssemos um aparelho a mais resolveríamos o problema", garante a oncologista do Hospital de Base, Maria Cristina Scanduzzi.

Sem estrutura

A cidade de Barretos, no interior de São Paulo, tem pouco mais de 100 mil habitantes e uma unidade de referência no tratamento da doença. Anápolis, a 48km de Goiânia, tem 318 mil habitantes e conta com uma unidade oncológica e com um moderno aparelho de radioterapia. A capital federal, com seus mais de 2 milhões de habitantes, não tem nenhum hospital ou centro especializado no tratamen-

to de câncer.

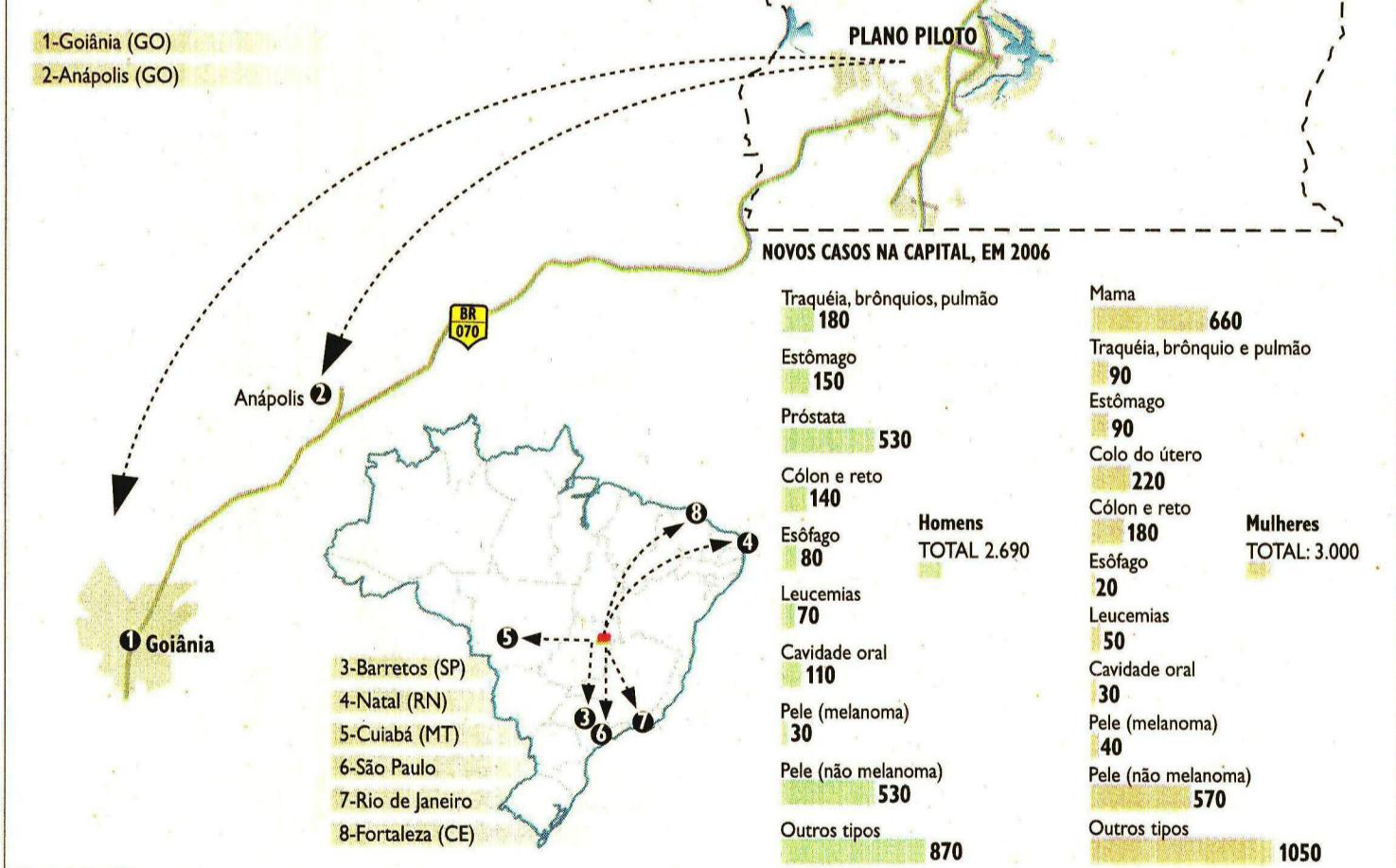
O médico recém-formado Daniel Damas de Matos fez residência e especialização em cirurgia oncológica no Instituto Nacional do Câncer (Inca), no Rio de Janeiro. Com o fim do curso, voltou a Brasília, mas não encontrou nenhum centro especializado para atuar. "O hospital especializado no tratamento do câncer oferece tratamento diferenciado e tem profissionais com experiência na área. Nesses centros, a taxa de mortalidade e as complicações são bem menores", defende Daniel.

O oncologista Murilo Buso analisa que a existência de uma unidade dedicada ao tratamento da doença estimularia a integração dos profissionais. "Não há necessidade de um hospital do câncer, mas a criação de centros especializados facilitaria a interação dos médicos e a possibilidade de fazermos medicina de ponta". Ele acredita que na parte de quimioterapia e tratamentos medicamentosos, a capital federal não deixa a desejar a nenhuma outra cidade. "Mas precisaríamos de pelo menos mais um aparelho de radioterapia para a rede privada e outro para a rede particular. Hoje, os doentes saem de Brasília em busca de tratamentos mais refinados", justifica o especialista.

Para o mastologista Sérgio Zerbini, o paciente é melhor tratado em um hospital que ofereça uma grande variedade de especialidades. "O conceito de hospital especializado no tratamento de câncer é ultrapassado. A maioria dos pacientes com câncer são tratados ambulatorialmente. Não se justifica uma infra-estrutura especializada", defende Sérgio Zerbini.

ROTAS DE COMBATE

Cidades com centros especializados onde os brasilienses fazem radioterapia



Um centro que agoniza

Problemas burocráticos como prestações de conta e alvará de construção ainda atrapalham a retomada das obras do Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon) da UnB. O prédio ao lado do Hospital Universitário de Brasília, inicialmente orçado em R\$ 2,5 milhões, já consumiu R\$ 5 milhões. A unidade vai oferecer tratamento gratuito a pacientes com câncer, mas a construção está parada há mais de 15 meses. A UnB promete lançar o edital de licitação para o término das obras ainda este mês, mas condiciona a publicação do edital à liberação dos recursos do Ministério da Saúde.

Segundo o vice-reitor da UnB, Edgar Mamiya, ainda serão necessários de R\$ 800 mil a R\$ 1,5 milhão para concluir a obra. A pressa e a pressão para o término do centro aumentaram depois que o *Correio* mostrou que há 17 equipamentos de radioterapia estocados na obra, que custaram R\$ 2,6 milhões.

O acordo para a construção do Cacon foi

assinado em 2003 entre a UnB e o Fundo Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. O convênio previa a liberação de R\$ 2,5 milhões em cinco parcelas. Em 2004, a UnB realizou licitação e contratou a empresa Cinzel por R\$ 1,72 milhão para executar o serviço.

A construtora teria sete meses para concluir a obra, mas um ano depois o Cacon estava longe de ficar pronto e a Cinzel pediu a revisão do contrato com a liberação de mais recursos. A UnB não aceitou a proposta e o contrato foi rescindido. A universidade consultou as outras empresas que haviam participado da licitação, mas nenhuma teve interesse de continuar as obras. Em setembro de 2005, a UnB resolveu continuar a construção do Cacon por administração direta, que foram interrompidas outra vez. Desde então, as obras estão paradas por falta de dinheiro.

Enquanto os aparelhos estão abandonados e a obra parada, a estrutura é corroída pelo tempo e os pacientes precisam espe-

rar na fila - ou buscar tratamento de melhor qualidade fora da cidade. O mastologista José Antônio Ribeiro Filho, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia, é especialista em câncer há mais de 30 anos. Já acompanhou centenas de mulheres que enfrentaram a doença e as ajudou a vencer o mal. Mas ele também foi surpreendido por um câncer de próstata. E não hesitou em buscar tratamento fora. O médico fez exames nos Estados Unidos e foi operado no Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo, há 13 anos.

Seus pacientes têm feito o mesmo trajeto. "Quem pode pagar vai para São Paulo ou Goiânia. Se o aparelho do HUB tivesse em funcionamento, os pacientes poderiam fazer tratamento aqui", lembra José Antônio. "Me revoltou com o abandono dessas máquinas como cidadão, como especialista e também como alguém que já precisou de tratamento contra o câncer", conta o médico. (HM)

mil

76%

dos doentes não possuem planos de saúde e recorrem aos hospitais mantidos pelo governo, mas poucos conseguem terapias eficientes

traíram câncer neste país se submeter a tratamento a fora do DIF